

## O caráter patológico na definição de homossexualidade em dicionários escolares

*The pathological aspect of the definition of homosexuality in school dictionaries*

Pauler CASTORINO (USP)  
[paulercastorino@usp.br](mailto:paulercastorino@usp.br)

Vanessa Regina Duarte XAVIER (UFCat)  
[vrDXavier@gmail.com](mailto:vrDXavier@gmail.com)

Recebido em: 21 de set. de 2020.  
Aceito em: 14 de out. de 2020.

CASTORINO, Pauler; XAVIER, Vanessa Regina Duarte. O caráter patológico na definição de homossexualidade em dicionários escolares. **Entrepalavras**, Fortaleza, v. 11, n. esp., p. 245-260, ago. 2021. DOI: 10.22168/2237-6321-10esp2093.

**Resumo:** O presente trabalho almeja discutir a feição patológica presente no verbete “homossexualismo” em dicionários escolares do tipo 4, que são destinados a estudantes do ensino médio. À luz dos estudos da Lexicografia, pretende-se discutir as implicações da definição de “homossexualismo” em uma sociedade que ainda discrimina a comunidade de lésbicas, gays, bissexuais, transexuais, *queer* e mais (LGBTQ+). Para isso, foram utilizados como aporte teórico os textos de Gianastacio (2009), Dapena (2002), Borba (2003), dentre outros que estudam, respectivamente, o sufixo *-ismo*, Lexicografia e ideologia em obras lexicográficas. Os resultados apontam que os organizadores das obras supramencionadas tendem a deixar suas ideologias marcadas no verbete analisado.

**Palavras-chave:** Lexicografia. Dicionários. Homossexualidade.

**Abstract:** This study aims to discuss the pathological feature present in the entry “homossexualismo” in type 4 school dictionaries, which are designed for high school students. In the light of the Lexicography studies, we intend to discuss the implications of the definition of “homossexualismo” in a society that still discriminates against the community composed by lesbian, gay, bisexual, transsexual, queer and more (LGBTQ+). For this purpose, we used as theoretical support texts by Gianastacio (2009), Dapena (2002), Borba (2003), among others who study the suffix *-ism*, Lexicography, and ideology in lexicographical works. The results indicate that the organizers of the dictionaries mentioned above tend to leave their ideologies marked in the analyzed entry.

**Keywords:** Lexicography. Dictionaries. Homosexuality.

### Considerações iniciais

Homossexualidade ou homossexualismo? Mesmo que ambos os lexemas sejam utilizados frequentemente na sociedade, eles não possuem equivalência semântica. O termo homossexualidade, semanticamente, refere-se a um modo de ser e/ou de se relacionar. Enquanto o segundo é um termo da medicina antiga, que via a homossexualidade como uma patologia, em outras palavras, como uma doença. Atualmente, o lexema “homossexualismo” é utilizado, em nossa visão, como uma maneira de discriminar a comunidade de lésbicas, gays, bissexuais, transexuais, *queer* (LGBTQ+)¹, sendo que:

essa discriminação surgiu bem antes na história, estando presente em diversos campos da sociedade: nos discursos médicos, que tratavam a homossexualidade e a fluidez de gênero como doenças passíveis de tratamento; nos discursos religiosos, onde seus comportamentos eram considerados pecado; e no jurídico, onde eram tratados como criminosos. (CASSANA; ROSA; BOLSAN, 2018, p. 106).

A sociedade contemporânea não compreende mais a homossexualidade como uma doença, pois muito já se avançou, no entanto, os estigmas e os preconceitos ainda continuam enraizados no pensamento social. Observa-se, no trecho apresentado, que a discriminação surgiu há tempos e ainda se faz presente em diversos âmbitos sociais, podendo ser observada também nas definições presentes em dicionários de língua.

À luz dos estudos da Lexicografia, ciência que estuda a composição e estrutura dos dicionários, esta investigação tem como meta analisar o verbete “homossexualismo” nos dicionários do tipo

<sup>1</sup> “Sigla utilizada para designar os sujeitos gays, bissexuais, transexuais e *queer*, que surgiu dentro da própria comunidade. A necessidade de inserção do símbolo de mais (+) se dá pelo fato de que a própria sigla já não dá conta de representar todos aqueles que não são heterossexuais” (CASSANA; ROSA; BOLSAN, 2018, p. 106).

4, obras que são distribuídas nas escolas públicas de ensino médio. Almeja-se, especificamente, observar se essas obras lexicográficas, distribuídas nas escolas, contêm um verbete específico para o lexema supracitado e, caso contenham, como se apresenta a definição.

Essa temática justifica-se devido aos problemas sociais com relação ao preconceito e aos estigmas que são construídos diariamente por meio do léxico, em especial perante a comunidade LGBTQ+. Nesse contexto, a questão que motiva esta pesquisa é saber se o lexema homossexualismo se encontra dicionarizado como um sinônimo de homossexualidade.

Assim, o objetivo desta investigação é averiguar se os dicionários do tipo 4 partilham de uma herança patológica para definir “homossexualismo” e/ou se eles divergem no que diz respeito à medicina antiga. Em específico, pretende-se dissertar se os dicionários do tipo 4 se mostram ideológicos na definição do verbete “homossexualismo”.

Para tais discussões, apoia-se em Gianastacio (2009), que aborda a origem do sufixo *-ismo* na língua grega e elabora um percurso para mostrar como este fenômeno chegou à língua portuguesa; e Azeredo (2008), que discute as diferentes acepções do sufixo *-ismo* na língua. Este trabalho fundamenta-se ainda em outros referenciais relacionados à Lexicografia e a temas como estigma, preconceito e homofobia, neste caso, à luz de Goffman (2012), Candau (2003) e Borrillo (2010).

Devido à natureza teórico-reflexiva desta investigação, o percurso metodológico consistiu em três fases: a) leitura dos referenciais teóricos; b) buscas da entrada “homossexualismo”, em quatro dicionários escolares: *Dicionário da Língua Portuguesa Evanildo Bechara*, organizado por Bechara (2011); *Dicionário UNESP do Português Contemporâneo*, organizado por Borba (2011); *Novíssimo Aulete dicionário contemporâneo da língua portuguesa*, organizado por Geiger (2011); *Dicionário Houaiss Conciso*, organizado por Houaiss e Villar (2011); e, por fim, c) análise dos verbetes nesses dicionários.

### **Estigma, preconceito e homofobia: breves considerações**

Para discutir a temática da homossexualidade, três conceitos se impõem: estigma, preconceito e homofobia. O primeiro é discutido por Goffman (2012), ao afirmar que os gregos criaram o termo para se referirem aos sinais corporais ou ao *status* moral de quem era detentor de alguma marca feita por corte e/ou fogo. Esses sinais eram marcados

em escravos, criminosos e/ou em traidores e, nesse caso, indicavam que o sujeito não era aceito para conviver em grupo e, portanto, deveria ser evitado pelos demais cidadãos na sociedade (GOFFMAN, 2012).

Com o passar dos anos, o conceito de estigma não se modificou essencialmente, a mudança ocorreu apenas quanto a não haver mais registros de sinais que marcam fisicamente as pessoas. Na atualidade, o estigma se ampliou, uma vez que não ocorre “esta marcação” somente em criminosos e traidores; ele é aplicado para depreciar origens étnicas, deficiências físicas e/ou mentais, gêneros e/ou orientações sexuais que divergem da heteronormatividade, dentre outros (FREITAS, 2019).

Goffman (2012, p.13) afirma que “o termo estigma, portanto, será usado em referência a um atributo profundamente depreciativo [...]”. Ou seja, o estigma é usado como um modo de depreciar uma pessoa, devido às identidades divergentes daquelas consideradas predominantes socialmente.

De acordo com Gomes, Costa e Leal (2020), a comunidade LGBTQ+ é estigmatizada socialmente por divergir da imagem da heterossexualidade. Nesse sentido, Facco (2009) afirma que a sociedade não aceita o sujeito estigmatizado, no entanto, mantém uma relação de “tolerância” para com ele, embora ainda considere esse indivíduo como “inferior”. Assim, em outros dizeres, percebe-se que socialmente a comunidade LGBTQ+ é tolerada pela comunidade heterossexual, mas de uma forma inferiorizada.

Isso se materializa em inúmeras notícias e pesquisas referentes a mortes, espancamentos e outras atrocidades envolvendo os integrantes da comunidade LGBTQ+, como mostra Fernandez (2010), o qual realizou um levantamento em jornais e outras mídias para averiguar os tipos de violências letais ou não letais sofridas pelo referido grupo entre os anos de 2000 a 2007. Nesse estudo foram coletadas cinco mil seiscentas e setenta e duas (5.672) notícias, as quais mil quinhentas e oitenta e uma (1.581) apontavam mortes por meio de agressões físicas e torturas, ao passo que quatro mil e noventa e uma (4.091) indicavam violências não letais, tais como assédio moral e agressão verbal. Fernandez (2010) observa ainda que o público LGBTQ+ é tratado com inferioridade em muitos ambientes socioculturais, como residências, logradouros, estabelecimentos comerciais etc.

Outro conceito fundamental para a discussão do termo homossexualismo é o de *preconceito*, que é discutido por Candau (2003, p. 17) ao afirmar que “os preconceitos são realidades historicamente construídas e dinâmicas; são reinventados e reinstalados no imaginário social continuamente [...]”. Tendo em vista essa afirmação, é possível depreender

que o preconceito é construído socialmente e faz com que os sujeitos tenham percepções filtradas por conceitos pré-estabelecidos (CANDAU, 2003).

Sob essa perspectiva, entende-se que o preconceito é um modo pelo qual os indivíduos observam o mundo, mas é uma visão filtrada. Em outras palavras, o preconceito ocorre porque os sujeitos crescem com uma ideologia, estabelecida socialmente, que faz com que eles não aceitem ou concordem com o que diverge dos seus padrões ou normas pré-estabelecidas. No entanto, não se deve generalizar tal posicionamento, visto que uma pessoa pode crescer em um ambiente preconceituoso, mas, conforme ela evolua e adquira conhecimento de mundo, seus preconceitos podem ser extintos ou amenizados.

A comunidade LGBTQ+ sofre preconceitos devido a uma visão pré-estabelecida socialmente desde tempos atrás, ampliada após a epidemia da Síndrome da Imunodeficiência Adquirida (AIDS), durante os anos 80, que atingiu principalmente os homossexuais, levando-os “à estigmatização destes considerados ‘grupos de risco’ por todas as camadas da sociedade gerando medo e desconfiança entre a população” até os dias atuais (FREITAS, 2019, p. 4).

Por fim, chega-se ao terceiro conceito a ser discutido, que é o da *homofobia*, o qual, segundo Borrillo (2010), existe por conta da heterossexualidade, que aparece como um padrão sexual a ser seguido. Deste modo, as sexualidades que divergem do *heterossexismo*<sup>2</sup> são avaliadas de forma depreciativa. Para o autor, a homofobia é “definida como a hostilidade geral psicológica e social contra aquelas e aqueles que, supostamente, sentem desejo ou têm práticas sexuais com indivíduos de seu próprio sexo” (BORRILLO, 2010, p. 34). Assim, de acordo com o teórico, considera-se a homofobia como uma hostilidade psicológica e social direcionada aos sujeitos que divergem do *heterossexismo*.

Em vista disso, nota-se que a comunidade LGBTQ+ sofre: i) estigma, pela maneira de se relacionar; ii) preconceito, devido aos estigmas construídos socialmente; e iii) hostilizações, tanto emocionais, físicas e sociais, pelos preconceitos relacionados às suas orientações. Percebe-se, ainda, que é por meio do léxico que os sujeitos cometem estigmas, preconceitos e homofobia contra a comunidade LGBTQ+, pois o léxico é o conjunto de unidades lexicais de uma língua, as quais representam a ideologia dos indivíduos na sociedade.

<sup>2</sup> Para Borrillo (2010), o termo *heterossexismo* é usado para referir-se a uma hierarquia das sexualidades, na qual a heterossexualidade encontra-se em patamar superior em relação a todas as outras.

## Homossexual(-ismo): da gramática à medicina

Neste tópico, debate-se acerca do lexema “homossexualismo”, contemplando para isto os aspectos que envolvem desde a gramática da língua até o discurso médico. Assim, discute-se o conceito de sufixo e da carga semântica que o sufixo *-ismo* apresenta no lexema “homossexualismo”.

Conforme Lemle (2002), os sufixos são encontrados após o radical<sup>3</sup> de um lexema, por exemplo, *homossexual + ismo = homossexualismo*. De acordo com Bechara (2009), os sufixos são revestidos de inúmeras acepções em seu uso, como é o caso do sufixo *ismo*.

O sufixo *-ismo* teve origem na língua grega, na desinência *-mós*, e formava substantivos deverbais de ação. Por meio da relação sociocultural entre os gregos e romanos, o sufixo passou para língua latina pela forma *-ismus* (GIANASTACIO, 2009).

Destaca-se, então, que o sufixo *-ismo* foi herdado do latim, utilizado de forma recorrente na atualidade por já estar incorporado à língua portuguesa. Dessa forma, observa-se que “o léxico do português atual é o resultado de um fio condutor essencial, o que provém do latim, e de vários elementos, onde há empréstimos múltiplos e variados condicionamentos sócios-culturais” (VILELA, 1994, p. 12).

Azeredo (2008) assevera que o sufixo *-ismo* possui alta produtividade na língua portuguesa e diferentes acepções, as quais se destacam a seguir: a) correntes de pensamento, tais como religiosas ou filosóficas, por exemplo, *budismo*; b) movimentos artísticos e/ou literários artísticos, como em *romantismo*; c) ideologias (e formas de pensar), a título de exemplo, *militarismo*; d) expressões culturais, como *brasileirismo*; e, por fim, e) terminologias científicas, tendo como exemplo *botulismo* (AZEREDO, 2008).

Baseando-se no exposto, chama-se atenção ao item de letra “e”, que se refere às terminologias<sup>4</sup> científicas, que são termos específicos de áreas científicas, técnicas ou tecnológicas distintas, como as terminologias do campo da Medicina. Nesse sentido, a Medicina faz uso do sufixo *-ismo* para mencionar doenças físicas ou mentais, por exemplo, *traumatismo*, *autismo*, *daltonismo*, dentre outras.

<sup>3</sup> Nos dizeres de Coelho (2013, p. 19, grifo do autor), o “*radical* é o elemento constitutivo da palavra que segura a sua significação básica”.

<sup>4</sup> Por terminologias, entende-se o conjunto de termos de determinada área do conhecimento, conforme aponta Barros (2004). A saber, esse assunto é tratado aqui para acrescentar uma informação a essa investigação, uma vez que o termo “homossexualismo” surge no campo médico, ou seja, em um léxico especializado.



O termo “homossexualismo” foi proposto por um médico húngaro chamado Benkert, em 1869, para se referir à orientação sexual, conforme Ceccarelli (2008). Na época, a homossexualidade era tratada como uma doença, tanto pela Medicina quanto pela Psicanálise (MOREIRA FILHO; MADRID, 2008, p. 3).

Durante anos, a homossexualidade ficou atrelada ao campo das doenças, porém, em 1985, a Organização Mundial de Saúde (OMS) deixou de ver a homossexualidade como doença e passou a caracterizá-la como um “desajuste comportamental”. No entanto, apenas dez anos depois, em 1995, a homossexualidade parou de ser atrelada a um distúrbio social. Em consequência disso, o termo “homossexualismo” foi excluído da Classificação Estatística Internacional de Doenças e Problemas Relacionados com a Saúde (CID) com o sufixo *-ismo*, sendo substituído pelo sufixo *-dade*, que significa “modo de ser” (MOREIRA FILHO; MADRID, 2008, p. 3). Destarte, nota-se que o termo “homossexualismo” foi visto como um desvio comportamental pela medicina antiga, encaixando-se, assim, no campo patológico.

Retoma-se ao principal foco deste trabalho, que trata dos questionamentos sobre os dicionários de língua portuguesa, em específico, os voltados para o ensino médio, detemo-nos em priorizar, na seção seguinte, as questões que envolvem a entrada da expressão “homossexualismo” e de que forma é registrada sua definição nos dicionários em análise. Portanto, serão levantados aspectos conceituais da Lexicografia que embasam o nosso olhar sobre o léxico, mas previamente haverá uma breve exposição da metodologia adotada.

### **Apontamentos metodológicos**

A pesquisa teve caráter qualitativo, centrando-se em reflexões sobre as nuances semânticas assumidas pelo termo em estudo no decorrer da história do homem, em especial, na gramática e no discurso médico, e a partir da sua composição morfológica e etimológica. Nesse sentido, principiou-se o percurso metodológico pela pesquisa bibliográfica sobre o tema e outros conceitos diretamente implicados, como o campo da Metalexigrafia, de modo a embasar as considerações feitas.

Na sequência, foi preciso consultar o PNLD, a fim de identificarem-se os dicionários do tipo 4, por serem os destinados ao Ensino Médio, os quais estão listados a seguir: *Dicionário da Língua Portuguesa Evanildo Bechara* (BECHARA, 2011); *Dicionário UNESP do*

*Português Contemporâneo* (BORBA, 2011); *Novíssimo Aulete dicionário contemporâneo da língua portuguesa* (GEIGER, 2011); e, por fim, *Dicionário Houaiss Conciso* (HOUAISS; VILLAR, 2011).

Então, fez-se o cotejo dos verbetes “homossexualismo” e “homossexualidade” nas obras referidas, a fim de verificar o conteúdo ideológico neles, analisando-se, assim, os efeitos de sentido produzidos com base em suas acepções. Por fim, realizou-se a discussão dos resultados obtidos, à luz do referencial teórico da investigação.

#### **Discussões acerca do verbete “homossexualismo” em dicionários do tipo 4**

Pretende-se, neste tópico, falar brevemente da Lexicografia, ciência que estuda questões concernentes à estrutura e à composição dos dicionários, e, na sequência, sobre o Programa Nacional do Livro Didático – Dicionários (PNLD-Dicionários). O referido programa é o responsável pela análise e distribuição das obras lexicográficas nas escolas da educação básica.

Em breves palavras, os dicionários são analisados e confeccionados através dos estudos propostos pela Lexicografia, que, por sua vez, é a ciência do léxico que estuda assuntos pertinentes a estas obras. De modo específico, a referida área de estudos aborda desde questões relacionadas à criação de qualquer trabalho lexicográfico, tais como dicionários, glossários e vocabulários, até as críticas, histórias e análises destes produtos lexicográficos, conforme as investigações propostas por Dapena (2002).

Welker (2004, p. 11) afirma que a Lexicografia pode ser dividida em duas subáreas, uma destinada à composição de obras lexicográficas, sendo chamada de Lexicografia prática e a outra, na qual esta investigação se apoia, é destinada ao “estudo de problemas ligados à elaboração de dicionários, crítica de dicionários, a pesquisa da história da Lexicografia, a pesquisa do uso de dicionários [...] e ainda a tipologia”. Neste trabalho, será dado maior enfoque à crítica e à análise dos dicionários. Essa segunda subárea recebe o nome de Lexicografia teórica ou Metalexicografia.

Pode-se notar que os dicionários são objetos de estudo de uma ciência que intenta investigá-los contemplando questões que tratam de i) como se constituem as obras; e ii) como se comportam



os dicionários; quais as ideologias que circulam nas escolhas lexicais apresentadas nas definições, dentre outras abordagens etc. Deste modo, são comuns trabalhos que discutam questões sobre as estruturas dos dicionários e suas definições com o intuito de proporcionar uma melhor compreensão tanto das obras lexicográficas quanto do léxico que estas obras abarcam.

Sabe-se que o Programa Nacional do Livro Didático (PNLD) distribui, desde os anos 2000, dicionários nas escolas públicas de ensino fundamental e médio. No entanto, apenas em 2006, o Ministério da Educação (MEC) criou o PNLD-Dicionários, que discutiu especificamente a qualidade das obras lexicográficas, e exigindo, a partir desta etapa, um maior rigor<sup>5</sup> na escolha dos dicionários, principalmente no que condiz à sua distribuição para os diferentes níveis escolares. Atualmente, o PNLD-Dicionários divide as obras em quatro (4) tipologias, cada uma destinada a um nível escolar distinto (RIBEIRO, 2018).

Tendo isso em mente, destaca-se que esta investigação analisará apenas as obras lexicográficas do tipo 4 presentes no catálogo, citado por Brasil (2012). A tipologia supracitada é destinada ao ensino médio. Estes dicionários destinam-se a tal nível escolar devido ao número de entradas que devem conter, sendo no mínimo quarenta mil (40.000) e no máximo cem mil (100.000) verbetes (BRASIL, 2012). Nesse caso, as obras do tipo 4 que constam em Brasil (2012) apresentam as seguintes dimensões: o de Bechara (2011), cinquenta e uma mil e duzentas e dez (51.210) entradas; o organizado por Borba (2011), cinquenta e oito mil e duzentas e trinta e sete (58.237) entradas; o de Geiger (2011) abarca setenta e cinco mil e setecentas e cinquenta e seis (75.756) entradas; e, por fim, o de Houaiss e Villar (2011) tem quarenta e uma mil e duzentas e quarenta e três (41.243) entradas.

Analisa-se apenas os de tipo 4 pelo fato de terem como público-alvo alunos de ensino médio, que estão na fase de discutir questões relacionadas à sexualidade e porque estes alunos debatem assuntos que estão em voga no cotidiano através da oralidade e/ou de textos dissertativo-argumentativos. Deste modo, acredita-se que analisar o verbete “homossexualismo” nestas obras lexicográficas

<sup>5</sup> Nos anos anteriores, existiam equipes que escolhiam os dicionários a serem distribuídos nas escolas. Porém, essas obras lexicográficas não eram adequadas ao público a que eram destinados, tais como crianças em fase de alfabetização, dado que esses dicionários eram “reduções dos grandes dicionários gerais, elaborados para o público adulto” (CARVALHO, 2012, p. 13). Por isso o PNLD-Dicionários traz maior rigor nas escolhas das obras lexicográficas, tendo em vista que eles reconhecem que cada obra deve ser destinada a públicos diferentes, conforme suas escolaridades e/ou fase de aprendizado.

possa promover uma maior compreensão sobre esta temática e acerca da comunidade LGBTQ+, que ainda sofre com os estigmas e preconceitos de um passado que patologizava um modo de ser divergente da heteronormatividade.

Diante do exposto, apresenta-se o verbete “homossexualismo”, que foi encontrado em todos os dicionários analisados. É necessário expor, brevemente, o que se entende por verbete: “o texto de uma palavra-entrada de um dicionário, inclusive ela própria” (BIDERMAN, 1984, p. 144). Em outras palavras, o verbete constitui-se do lexema e sua definição, além de elementos informativos que complementam a entrada, tais como classe gramatical, etimologia, pronúncia etc.

Destaca-se que as entradas, juntamente com as definições, serão apresentadas igualmente como aparecem nas obras originais. Neste caso, aponta-se que as obras apresentam o lexema em negrito, seguido da divisão silábica entre parênteses ou não, exceto no dicionário de Houaiss e Villar (2011) em que a entrada, vista em negrito, já se encontra dividida silabicamente. As obras lexicográficas de Bechara (2011), Borba (2011), Houaiss e Villar (2011) apresentam, ainda, a ortoépia<sup>6</sup> [cs] entre colchetes e/ou barras invertidas para indicar a pronúncia. Posteriormente a isso, é apresentada a abreviação *sm* em negrito para substantivo masculino. Em seguida, percebe-se a definição do lexema, como se segue:

Quadro 1 – Cotejo do verbete “homossexualismo” em dicionários do tipo 4.

<b>homossexualismo</b> (ho.mos.se.xu:a.lis.mo) [cs] <b>sm. 1</b> Prática ou tendência sexual entre pessoas do mesmo sexo. <b>2</b> Condição de homossexual; homossexualidade. (BECHARA, 2011, p. 703).
<b>HOMOSSEXUALISMO</b> ho-mos-se-xu:a-lis-mo <b>Sm</b> prática de comportamento homossexual. (BORBA, 2011, p. 722).
<b>homossexualismo</b> (ho.mos.se.xu:a.lis.mo) [cs] <b>sm. 1</b> Tendência à ou prática da relação homossexual <b>2</b> Homossexualidade. (GEIGER, 2011, 753).
<b>ho.mos.se.xu.a.lis.mo</b> \cs\ <b>s.m.</b> atração sexual entre pessoas do mesmo sexo. (HOUAISS; VILLAR, 2011, p. 504).

Fonte: Os próprios autores.

Todos os verbetes acima definem “homossexualismo” como uma prática, tendência e/ou atração sexual por indivíduos do mesmo sexo. Nota-se, também, que duas (02) acepções, uma na obra de Bechara (2011) e a outra presente em Geiger (2011), apresentam

<sup>6</sup> Trata-se da “indicação normativa da pronúncia de um vocábulo da língua” (HOUAISS; VILLAR, 2011, p. 10).

“homossexualismo” como se fosse um sinônimo de *homossexualidade* e/ou *homossexual*. As definições de Borba (2011), Houaiss e Villar (2011) divergem, em parte, das anteriores, por não apresentarem uma ideia de sinônimo dos lexemas mencionados, mas definem o termo referido como atração sexual e como prática comportamental entre sujeitos do mesmo sexo.

Diante disso, destaca-se que nenhum dos verbetes trata o lexema como uma doença e/ou como um termo arcaico utilizado pela medicina há tempos. Entende-se, assim, que os dicionários tendem a definir os lexemas conforme esses são usados no cotidiano, mas, em casos como estes, caberia ao lexicógrafo apresentar o lexema como um termo da medicina antiga, assinalando que se trata de uma acepção depreciativa.

É possível notar através destas entradas uma herança<sup>7</sup> patológica da homossexualidade, pois nenhuma obra em questão informa aos seus consulentes sobre a carga semântica que tal lexema acarreta, além de serem perceptíveis nas entradas alguns estigmas e preconceitos através das escolhas lexicais presentes no texto definicional do lexema, tais como “condição” e “comportamento”, ambos usados pela medicina antiga para caracterizar a homossexualidade como doença.

O lexema *condição* revela, ainda, a ideia de algo passageiro e até mesmo momentâneo. Tal percepção ocorre devido à crença antiga da medicina que acreditava que poderia haver “tratamento” para a homossexualidade: outrora “psicólogos/os munidos do instrumental clínico, ofereceram tratamento e cura às homossexualidades” (TEIXEIRA, 2014, p. 34).

Questiona-se, ainda, a partir do exposto, como esses dicionários definem *homossexualidade*, visto que “homossexualismo” parece ser um sinônimo de tal lexema nas obras analisadas. Em vista disso, a seguir, lista-se o verbe *homossexualidade*<sup>8</sup> presente nos dicionários analisados:

<sup>7</sup> Salienta-se que essas obras lexicográficas se limitam a apresentar a acepção sincrônica, ou seja, como a mesma ocorre na contemporaneidade, embora sua historicidade aponte para um sentido depreciativo.

<sup>8</sup> Observa-se nesses verbetes a sigla *sf* em negrito para substantivo feminino.

Quadro 2 – Cotejo do verbete homossexualidade em dicionários do tipo 4.

<b>HOMOSSEXUALIDADE</b> ho-mos-se-xu:a-li-da-de <b>Sf</b> condição de homossexual; preferência por relacionamento afetivo com pessoas do mesmo sexo. (BORBA, 2011, p. 722)
<b>homossexualidade</b> (ho.mos.se.xu:a.li.da.de) [cs] <b>sf.</b> Condição de homossexual; <b>HOMOSSEXUALISMO</b> . (GEIGER, 2011, 753).
<b>ho.mos.se.xu.a.li.da.de</b> \cs\ <b>s.f.</b> homossexualismo. (HOUAISS; VILLAR, 2011, p. 504).

Fonte: Os próprios autores.

Primeiramente, destaca-se que o dicionário organizado por Bechara (2011) não contém a entrada homossexualidade. Inference-se que a equipe organizadora da obra acredite que “homossexualismo” é equivalente a homossexualidade e, por sua vez, teria carga semântica semelhante, assim, não seria necessário apresentar uma entrada para o lexema. Tem-se essa concepção, visto que a segunda acepção de “homossexualismo” refere-se a uma “condição de homossexual; homossexualidade” (BECHARA, 2011, p. 703).

A entrada homossexualidade nos dicionários do tipo 4 contém equívocos, principalmente, as entradas presentes nas obras organizadas por Geiger (2011), Houaiss e Villar (2011), que utilizam do sistema de remissivas<sup>9</sup> na definição do verbete, direcionando o consulente diretamente para o lema “homossexualismo”.

Outro ponto a ser levantado é a escolha lexical utilizada em Borba (2011) e Geiger (2011), pois ambos se valem, no texto definitório, da expressão “condição homossexual”, emergindo nesta a visão arcaica da medicina antiga de que a homossexualidade era uma condição que conduzia o indivíduo a um desvio sexual.

Salienta-se que todo texto escrito é ideológico e o dicionário não foge à regra, visto que “o lexicógrafo/dicionarista, ao dedicar-se à produção dessa obra, é impulsionado pela realidade do meio em que está inserido, deixando marcadas, mesmo que sutilmente, a sua percepção e subjetividade” (REBOUÇAS, 2015, p. 24-25). De acordo com esse autor, é comum que o dicionarista, por meio do léxico utilizado em sua obra, revele o seu modo de percepção e de representação de mundo:

Em vista disso, há de se considerar que o lexicógrafo/dicionarista, por estar inserido em um determinado contexto temporal e espacial, tanto pode assumir posicionamentos

<sup>9</sup> Barros (2004, p. 169) afirma que o sistema de remissivas é uma “rede de relações léxico-semânticas de uma obra lexicográfica ou terminográfica”.

personais quanto defender crenças e ideologias do interesse do grupo social a que pertence, tentando, dessa forma, exercer alguma influência na maneira de pensar e de agir do público consulente (REBOUÇAS, 2015, p. 26).

Tal assunto já foi igualmente discutido por outro teórico:

Quem fala ou escreve pretende sempre colocar [sugerir, propor, impor, inculcar], mesmo que implicitamente, seu modo de ver e sentir o universo, seus pontos de vista e suas convicções, seu sistema de crenças etc. Quem recebe o texto pode aceitar ou discutir o que recebe como também pode captar totalmente, parcialmente ou mesmo nulamente o que está implícito (BORBA, 2003, p. 307).

Diante das citações anteriores, entra-se em um consenso de que os lexicógrafos tendem, em específico, nos verbetes expostos, a matizar suas posições ideológicas e/ou até mesmo as ideologias que circulam na sociedade nos textos definitórios. Por isso, julga-se necessária uma revisão no modo de apresentação dos verbetes analisados neste trabalho, pois essas acepções não refletem adequadamente a comunidade LGBTQ+, transmitindo imagens errôneas que há tempos vêm sendo combatidas para uma melhoria da interação social entre diferentes grupos.

Desta forma, tal revisão é imprescindível para que estas concepções não sejam repetidas na sociedade, nos seus mais diversos âmbitos. Isso se torna ainda mais relevante quando se percebe que o público-alvo destes dicionários são alunos de ensino médio de escolas da rede pública, locais em que o estigma, o preconceito e a homofobia têm feito a cada dia mais vítimas (DUARTE, 2014).

Portanto, discutir como ocorre a representação do “homossexualismo” e da homossexualidade nos verbetes presentes nos dicionários do tipo 4 é necessário na contemporaneidade, visto que a comunidade LGBTQ+ sofre diariamente os estigmas e preconceitos de uma sociedade que ainda se mostra praticante da homofobia. À vista disso, salienta-se que, quando esse grupo não sofre repressão física, sofre de maneira velada, pela linguagem.

### **Considerações finais**

Esta investigação propôs-se a verificar se os dicionários do tipo 4 contemplam a entrada “homossexualismo” em suas nomenclaturas e analisar de que forma a sua definição é registrada nos verbetes que

compõem os dicionários. Primeiramente, debateram-se assuntos relacionados ao estigma, ao preconceito e à homofobia, e como estes elementos se manifestam no léxico da língua. Neste caso, nota-se que a língua é uma ponte para que os indivíduos concretizem seus respectivos estigmas, preconceitos e pratiquem a homofobia até os dias atuais.

Em um segundo momento, discutiu-se o sufixo *-ismo* desde a sua origem no grego, sua passagem para o latim e, em consequência, para a língua portuguesa, nessa etapa, foi possível observar que a medicina antiga utilizava o sufixo *-ismo* em “homossexualismo” para denotar doença nos indivíduos de outras orientações sexuais, que não a heterossexual.

Posteriormente a estas discussões, apresentaram-se as quatro obras lexicográficas analisadas, que traziam todas a entrada “homossexualismo”. Constatou-se, então, através das análises, que esses verbetes ainda se direcionam a uma herança patológica do século passado, por tratarem tal lexema como um sinônimo de homossexualidade.

À vista disso, optou-se por analisar também a entrada *homossexualidade* tendo como intuito averiguar de que forma os lexicógrafos definem este lexema. Observou-se que os dicionaristas deixam transparecer seus posicionamentos ideológicos por ainda tratar a homossexualidade como uma “condição”, vista anteriormente como algo concernente à doença pela Medicina.

Discussões como estas devem ser tratadas com mais recorrência na academia, para que tais equívocos constados nas definições dos lexemas em estudo sejam revisitados em futuras (re)edições dessas obras, dado que essas podem apresentar “homossexualismo” como um lexema depreciativo e pejorativo. Ressalta-se, principalmente, que definições como estas podem elevar mais ainda os estigmas e preconceitos de que estão imbuídos os atos de homofobia do cotidiano, visto que os dicionários são uma fonte de conhecimento importante socialmente, pois são neles que muitos indivíduos procuram os significados de determinados lexemas.

## Referências

AZEREDO, J. C. de. **Gramática Houaiss da Língua Portuguesa**. São Paulo: Publifolha, 2008.

BARROS, L. A. **Curso básico de Terminologia**. São Paulo: Edusp, 2004.



BECHARA, E. **Moderna gramática portuguesa**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2009.

BECHARA, E. **Dicionário da língua portuguesa Evanildo Bechara**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2011.

BIDERMAN, M. T. C. Glossário. **Alfa**, São Paulo, v. 28, p. 135-144, 1984.

BORBA, F. da S. **Dicionário UNESP do português contemporâneo**. Curitiba: Piá, 2011.

BORBA, F. da S. **Organização de dicionários: uma introdução à lexicografia**. São Paulo: Editora UNESP, 2003.

BORRILLO, D. **Homofobia: história e crítica de um preconceito**. Tradução de Guilherme João de Freitas Teixeira. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2010.

BRASIL. **Com direito à palavra: dicionários em sala de aula**. Brasília: MEC, 2012.

CANDAU, V. M. Org. **Somos tod@s iguais?** Escola, discriminação e educação em direitos humanos. Rio de Janeiro: DP&A, 2003.

CARVALHO, O. L. de S. Glossários em livros didáticos e dicionários escolares: da redução à expansão lexical na compreensão de textos. **Interdisciplinar: revista de estudos de língua e literatura**, Sergipe, v. 16, p. 30-45, 2012.

CASSANA, M. F.; ROSA, B. R. da; BOLSAN, G. J. F. Homossexualidades em discurso: o silêncio como causa do apagamento de grupos sociais. **Travessias**, Cascavel, v. 12, n.4, p. 105-118, 2018.

CECCARELLI, P. R. A invenção da homossexualidade. **Bagoas**, Rio Grande do Norte, n° 2, p. 71-93, 2008.

COELHO, B. J. **Formação de palavras: texto de apoio a aulas**. Catalão: Kaio G. Editora, 2013.

DAPENA, J. P. **Manual de técnica lexicográfica**. Madrid: Arco/Libros, 2002.

DUARTE, R. M. **Responsabilização civil nos casos de bullying homofóbico no âmbito escolar**. 2014. 93 f. Monografia (Bacharel em Direito) – Centro Universitário “Antônio Eufrásio de Toledo”, Presidente Prudente, 2014.

FACCO, L. **Era uma vez um casal diferente: a temática homossexual na educação literária infanto-juvenil**. São Paulo: Summus, 2009.

FERNANDEZ, O. Violência Homofóbica no Brasil: Panorama e Erradicação (dados preliminares), 2010. 24 slides. Disponível em: <https://www2.camara.leg.br/atividade-legislativa/comissoes/comissoes-permanentes/cdhm/arquivos-de-audio-e-video/osvaldo-francisco-ribas-lobos-fernandez>. Acesso em: 19 out. 2020.

FREITAS, L. S. de. Minorias sexuais e de gênero, o estigma social e a sociedade de risco. **Saúde & transformação social**, Florianópolis, v. 10, n.1, p. 1-10, 2019.

GEIGER, P. (Org.). **Novíssimo Aulete dicionário contemporâneo da língua portuguesa**. Rio de Janeiro: Lexikon, 2011.

GIANASTACIO, V. **A presença do sufixo -ismo nas gramáticas de língua portuguesa e sua abrangência dos valores semânticos, a partir do Dicionário de Língua Portuguesa Antônio Houaiss**. 2009. 176 f. Dissertação (Mestrado em Letras) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 2009.

GOFFMAN, E. **Estigma**: notas sobre a manipulação da identidade deteriorada. Tradução de Márcia Bandeira de Mello Leite Nunes. 4. ed. Rio de Janeiro: LTC, 2012.

GOMES, G.; COSTA, P. A.; LEAL, I. Impacto do estigma sexual e coming out na saúde de minorias sexuais. **Psicologia, saúde e doenças**, Lisboa, v. 21, n.1, p. 97-103, 2020.

HOUAISS, A. (org.); VILLAR, M. de S. (ed. resp.). **Dicionário Houaiss conciso**. São Paulo: Moderna, 2011.

LEMLE, M. Sufixos em verbos: onde estão e o que fazem. **Revista Letras**, Curitiba, n° 58, p. 279-324, 2002.

MOREIRA FILHO, F. C.; MADRID, D. M. Conceituando homossexualidade. In: IV Encontro De Iniciação Científica e III Encontro De Extensão Universitária, 4., 2008, Presidente Prudente. **Anais...** Presidente Prudente: UNITOLEDO, 2008, p. 1-7.

REBOUÇAS, J. V. **As representações ideológicas em definições de verbetes de dicionários escolares de língua portuguesa**. 2015. 133f. Dissertação (Mestrado em Letras) – Universidade do Estado do Rio Grande do Norte, Pau dos Ferros, 2015.

RIBEIRO, C. G. **Dicionários escolares**: utilização nas escolas. Jundiaí: Paco, 2018.

TEIXEIRA, N. B. V. **“Cura gay é o meu caralho!”**: a normalização da homossexualidade e a resolução CFP 1/99. 2014. 174f. Dissertação (Mestrado em Sociologia) – Universidade Federal de Goiás, Goiânia, 2014.

VILELA, M. **Estudos de lexicologia do português**. Coimbra: Almedina, 1994.

WELKER, H. A. **Dicionários**: uma pequena introdução à Lexicografia. Brasília: Thesaurus, 2004.